

— Eae. Boa tarde. Como está, velho amigo. Há meses que não o vejo.

— Opa, Mattick, boa tarde. Sente-se aí. Beba comigo. Peça um copo, vamos conversar um pouco. Saudades de você.

— Obrigado, Ruhle. Hoje não bebo. Muito trabalho a fazer. Só passei aqui porque te vi de longe. Decidi dar-lhe um olá e um abraço para matar as saudades dos meses de distanciamento.

— Pare, homem. Beba um copo, quero ao menos ter a chance de lhe contar a palestra que ouvi ontem no Salão Nobre da Faculdade de Economia. Um tal Pikard Winkle. Já ouviu falar?

— Infelizmente sim. Tive que ler os três livros dele. Difícil dizer qual o pior. Pode chamá-lo de Pick Wick, convém mais ao estilo dele.

Ambos riram. O garçom trouxe um copo. Mattick não resistiu. Encheu-o. Brindaram ao ilustre Pick Wick.

— Vamos, Ruhle, diga-me, quais pérolas saíram daquela fantástica mente de Harvard?

— Ontem finalmente vi uma metáfora. Quando o símbolo rasga a carne, o tom pictórico da mensagem transcende a palavra. O símbolo cessa de dar voltas e revela sua verdade.

— Por favor, Ruhle, deixe de rodeios. Hoje não me demoro. Meu ônibus está para passar.

— Acalme-se, você vai me entender em breve. As palavras, Mattick, não são só coleção de fonemas. São também uma ideia. Esta ideia dá voltas na cabeça, até conseguir encontrar um caminho através da vibração da língua e dos movimentos da boca. Ao pular para fora dos dentes, não são somente som, são pensamentos que vibram no ar.



— Uma boa metáfora...

— Esta ideia, este pensamento que vibra no ar, pode ser uma guilhotina, uma navalha, uma espada (instrumentos de combate). Pode também ser um grillão, cadeia, gaiola, prisão. A palavra pode libertar ou agrilhoar a mente.

— Sei o que quer dizer, não adianta ler muitos livros. É necessário ler os bons livros, apesar de sermos obrigados a ler também os ruins. Uma lástima.

— Isso, Mattick. Isso mesmo. Mas o que quero contar-lhe com esta imagem que acabei de te apresentar é que a palavra, enquanto símbolo (não mero signo), pode se revelar enquanto imagem. E mais, pode se materializar na carne daquele que a profere.

— Agora não te compreendo. A metáfora se torna algo material? Algo como o Gêneses: “e o verbo se fez carne”?

— Não, nada de bíblia. Só o real.

— Faça-se claro, por favor, Ruhle.

— Voltemos ao nosso Pick Wick. Vi um cartaz em algum mural da Universidade, informando que um renomado Phd., um tal Sr. Pikard Wincle, um dos maiores economistas dos últimos tempos, ganhador de Prêmio Nobel de Economia, autor de três livros, traduzidos em mais de 20 idiomas, uma sumidade em economia de mercado etc. etc. estaria proferindo conferência no Salão Nobre da Faculdade de Economia.

— Mas você sabe que estes três livros nada mais são que a monografia de conclusão do curso economia, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado dele...

— Não tinha esta informação.

— Bom, mas mesmo assim, diante deste currículo tão clichê, ainda se decidiu assistir a palestra?

— Sim, meu amigo. Foi o que fiz. Mas o mais notável foi o que se passou durante as quase duas horas de lugares comuns vomitados de cima daquele pedestal. Eu não diria que o verbo se fez carne, mas sim, que a carne foi rasgada pelo verbo.

— Uau! Excelente metáfora. Mas onde isto vai chegar?

— O grande Phd. Pikard Wincle, nosso íntimo Pick Wick, iniciou sua fala reproduzindo aquele velho dito de um outro notável Phd., que dizia que no capitalismo: “não existe almoço grátis”. Porque, meu Deus, eles dizem isto como se fosse uma grande descoberta?

*Vol. 07, num. 11, 2023.*

[2]



— Também já ouvi isto mais de uma dezena de vezes. Mas o que há de estranho? Eles sempre reproduzem esta porcaria de lugar comum como excelência em ciência econômica...

— O impressionante não foi o som das palavras, mas a imagem que vi tão logo este clichê caiu daquela boca. Um fio de ferro bruto foi rasgando a face direita do Sr. Pikard Wincle. Saiu com extrema violência, cortando a cara de nosso Pick Wick, com a mesma facilidade de faca quente sobre manteiga. Ele pareceu não perceber, tão anestesiado que já está com suas ideias. Olhei em volta, vi o mesmo fio de ferro bruto saindo da cara da imensa maioria. Só alguns gatos pingados também demonstravam certo espanto com a cena. Estes, assim como eu, ainda mantinham a cara ilesa.

— Continue. Estou começando a me interessar.

— Ele pareceria não conseguir articular as ideias muito bem. Era bem difícil seguir seu raciocínio. Muitos vai-e-vém, piadas sem graça, excesso de palavras, ausência de ideias... Raso como um pires.

— Isto por que você não leu os livros dele. Minha nossa. Difícil chegar ao fim.

— A palestra dele parecia não ter um todo, mas somente chavões que arrancavam aplausos e urras da plateia. Eu me esforçando sinceramente para entender aquela exposição, só consegui ver as grades de ferro rasgando sua cara. No meio dos seus lugares comuns, destacou-se: “por que, como já disse antes, a lei da oferta e da procura...”. Nesta hora, Mattick, três ferros saíram violentamente do interior de sua pele e foram trançando-se com os demais.

— Ruhle, meu amigo, começo a lhe compreender.

— De repente, desandou a citar nomes de renomados cientistas e a cada um, um fio de ferro bruto cortava-lhe uma parte da cara: “é necessário que vocês conheçam em profundidade a obra destes grandes pensadores: Mises, Hayeck, Friedman...”. Os demais ouvintes, em êxtase diante daquilo, tinham suas caras embrulhadas também por fios de ferro bruto. Perdi algum tempo apreciando aquela cena estranha. Quando voltei minha atenção para o *non sense* humano, o distinto Pick Wick, estava com a cabeça já quase completamente enclausurada numa gaiola. Então ele proferiu sua sentença máxima: “O Estado, senhores, ou é mínimo ou estamos perdidos. Ou privatizamos o máximo possível, ou nossa vida não terá alternativas”. Nesta hora, o público foi ao delírio e os fios de ferro

*Vol. 07, num. 11, 2023.*

[3]



bruto, rasgando aquelas carnes insossas, formaram também gaiolas nas cabeças de quase toda a plateia. Eu estava só dentro daquele lugar, pois era o único que não tinha a cabeça engaiolada. Os demais como eu já haviam ido em bora, provavelmente não suportaram aquela fala monótona, porém violenta.

— Uau!!! Ruhle, que bela imagem para expressar a ideia de pensamento preso, dogmático.

— Não, meu amigo, estou lhe dizendo, aquelas cabeças não eram simbolicamente gaiolas. Eram gaiolas realmente, concretamente. O pensamento rasgou a carne e o verbo se fez prisão! A cabeça não estava dentro da gaiola, mas era a própria gaiola.

— Aposto que ele também criticou o comunismo, pois em todos os livros dele que tive a infelicidade de ler, há sempre dois ou mais capítulos que realizam esta crítica. Contudo, conviria ele estudar primeiro o que é capitalismo (privado), capitalismo (de estado), entender as diferenças entre ambos, mas ao mesmo tempo, entender que ambos são capitalismo. Nos livros, ele critica o que não conhece, fala o que não sabe. No final, seus livros são um desperdício de papel e de tinta.

— Mattick, meu amigo, parece que você assistiu a palestra. Foi exatamente o que ele fez. Disse: “o comunismo matou mais que o nazismo. O comunismo é ditadura de partido único. O comunismo não deu certo em lugar nenhum no mundo. Os comunistas são maus e autoritários. A estatização de tudo, ou seja, o comunismo, impede a livre iniciativa...”. Não vou continuar aqui repetindo todos estes erros que você conhece tão bem. Mas foi bem este o nível da palestra do Phd. Pikard Winkle.

— E o que sucedeu com estas gaiolas?

— Antes, tenho que lhe contar. Quando estava criticando o que ele acha que é comunismo (a velha União Soviética, China, Cuba etc.), imediatamente fechou-se a porta da gaiola bem na altura de sua boca. Nesta hora, sua fala foi ficando cada vez mais incompreensível. Parecia que ele falava para si mesmo. A novílingua liberal, além de risível, é incompreensível em mais de dois terços de seus temas. Todo o público, tal qual o Sr. Pick Wick, aplaudindo toda aquela insanidade, também teve as portas das gaiolas fechadas sobre suas bocas. Uma cena realmente muito estranha.

— Uma cena mais que estranha. Considero-a a melhor descrição do que sai da cabeça dessa gente. Estas ideias descritas por você como verdadeiros grilhões é bem a

*Vol. 07, num. 11, 2023.*

[4]



realidade do que essas pessoas falam. Cada termo uma grade da gaiola, um fio de ferro bruto. O conjunto dos termos, trançados com firmeza, formam de fato uma prisão. Prisão da mente. Uma mente presa é incapaz de pensar a liberdade, o que dirá realizá-la. Por mais sofisticada, enfeitada e rebuscada que seja esta gaiola, não passa de uma gaiola. É exatamente isto o que são, mentes engaioladas. Mas gaiolas ornamentadas de palavras bonitas, mas vazias e sem sentido.

— Bela síntese, Mattick. É bem isto. Ao fim, fiquei observando as cabeças de gaiola saindo do Salão Nobre da Faculdade de Economia. Vi saindo o Phd. Pikard Winkle, mais ridículo ainda que o próprio Pick Wick do velho Dickens, pois desconhece sua própria estupidez. Suas palavras se fizeram grade. Esta grade se fez gaiola. Arrebentando a partir de dentro a carne de sua cara, cada barra de ferro bruto foi trançando-se, feito medusa, uma na outra. Ao final, uma gaiola ridícula, palavras encarnadas, compõem a cabeça do insosso Pick Wick. Aquela cabeça de gaiola, com pensamentos em grilhões, segue viva, sem saber que está morta...

— Puta merda, Ruhle, lá se foi meu ônibus. O próximo demora mais de uma hora.

— Então beba mais duas comigo. Viu o jogo ontem? Este ano o *Vila Nova* sobre pra Série A. Desta vez...

